



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM**  
**EDUCAÇÃO**

**EDILENE MACHADO DOS SANTOS**  
**SOLER GONZALEZ**

**ENCONTRO E DIÁLOGOS DE MULHERES INSUBMISSAS**

**VITÓRIA**  
**2020**

EDILENE MACHADO DOS SANTOS  
SOLER GONZALEZ

**ENCONTRO E DIÁLOGOS DE MULHERES INSUBMISSAS**

VITÓRIA  
2020

## SUMÁRIO

Apresentação .....	03
Iniciamos nossas conversas com um diálogo poético .....	04
Episódio 01 – Mistica: saberes que emergem dos povos do campo e das florestas.....	06
9	
Episódio 02 – Frases, charges e as ecologias insubmissas antirracistas.....	09
Episódio 03 – Poesia indígena: pensando as resistências e violências praticadas contra os seus corpos e existências.....	12
Episódio 04 - Diálogo com a literatura: narrativas ficcionais e racismo ambiental.....	14
Episódio 05 - Rio Formate: espaço de aprendizagem coletiva.....	17
Episódio 06 - Heroínas negras mostram que as nossas re-existências são ancestrais .....	22
Episódio 07 - Beco da Memória: (re)inventando práticas ecológicas insubmissas...	26
Episódio 08 - Cineclube enquanto prática política e pedagógica .....	28
Episódio 09 - Narrativas referentes à avaliação do encontro formativo.....	33

## APRESENTAÇÃO

Este fascículo produzido a partir das ecologias insubmissas praticadas pelas mulheres participantes dos movimentos sociais vianenses, configura-se como produto educacional, sendo desdobramento da dissertação de mestrado intitulada: Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES). Por isso, durante a organização desse momento, apostamos nas *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo como inspiração teórica, política, ecológica e formativa para pensarmos e praticarmos o encontro “*Diálogo de Mulheres Insubmissas*” do município de Viana.

Encontramos na literatura as diversas formas de re-existências femininas negras, que com suas solidariedades, irmandade, afetos, ensinamentos e reflexões, enfrentaram as opressões e dominação cotidiana, tendo sido essas histórias registradas no livro “*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*” (EVARISTO, 2016), que mostra a insubmissão feminina contra as forças coloniais presentes na sociedade.

No mês de fevereiro deste ano, realizamos o encontro *Diálogos de mulheres insubmissas*, com o objetivo de compartilharmos práticas de re-existências e as ecologias insubmissas produzidas pelas mulheres dos movimentos sociais vianenses, tendo em vista pensarmos nas redes que nos formam e com as quais somos formados (ALVES, 2019) e que emergem desses ‘*espaçotempos*’ de aprendizagens coletivas.

Esse encontro foi organizado como espaço de aprendizagem e formação, em que recorreremos à mística, aos cordéis das heroínas negras brasileiras, às apresentações cineclubistas, aos musicais, à exposição de charges, poesia, fanzine, livros de Paulo Freire, de autoras e escritoras negras, frases de pensadoras feministas negras e indígenas e das fotografias das nossas ecologias insubmissas, com o intuito de mostrarmos as re-existências femininas no enfrentamento das relações patriarcais, raciais e sexistas, ao praticarmos a “educação como ato político” (FREIRE, 1989) e como forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2017a), evidenciando as “contribuições políticas dos sujeitos que vem das margens” (REIGOTA, 2010a, p. 1). A seguir apresentaremos os movimentos formativos desse encontro.

## Iniciando nossas conversas com um diálogo poético

Fotografia 01: Encontros afetuosos que produzem mudanças em nós



Fonte: arquivo pessoal.

Recitamos o poema Vozes-mulheres da escritora Conceição Evaristo.

*A voz de minha bisavó  
Ecoou criança  
Nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
Ecoou obediência  
Aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
Ecoou baixo revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
Debaixo das trouxas  
Roupagens sujas dos brancos  
Pelo caminho empoeirado  
Rumo à favela.*

*A minha voz ainda  
Ecoa versos perplexos*

*Com rimas de sangue e  
Fome.*

*A voz de minha filha  
Recolhe todas as nossas vozes  
Recolhe em si  
As vozes mudas caladas  
Engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha  
Recolhe em si  
A fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.  
(Poetiza: Conceição Evaristo)*

Esse poema foi uma inspiração para dialogarmos sobre as nossas condições de vida, trabalho e resistências. Sobre como as desigualdades raciais, originadas no período de escravização, estão presentes no cotidiano da população negra, colaborando com a marginalização e pobreza principalmente das mulheres negras, situação que se reflete no mercado de trabalho, sendo essa realidade vivenciada por muitas de nós que estávamos nesse encontro. Conversamos ainda sobre o feminicídio enquanto processo histórico de opressão patriarcal e negação dos nossos direitos sociais. Esse poema também narra às resistências ancestrais que acontecem por meio da fala e do ato de nos compreendermos como sujeitos políticos (hooks, 2019b).

Entre nós mulheres que participamos desse encontro houve um consenso em relação à importância do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, ao refletirmos sobre a mobilidade social das mulheres negras, percebemos que muitas ainda ocupam os postos de trabalho mais precarizados, com menores salários, e enfrentam altas taxas de desemprego, sendo o maior percentual de pessoas pobres e marginalizadas no Brasil. Mesmo quando conseguimos acessar o ensino superior, optamos pelas profissões com menores salários. Essa realidade é reflexo das desigualdades raciais e de gênero, conforme destaca a autora Sueli Carneiro no artigo “Mulheres em movimento” (2019).

Entendemos que a população negra, após vivenciar um longo e perverso período de escravização, em sua maioria, deixou as senzalas para morar nas favelas, pois o racismo provocou a marginalização, exclusão, desigualdades sociais e a pobreza decorrentes da falta de políticas públicas. Isso mostra que “efetivamente, o racismo que nasce no Brasil associado à escravidão, consolida-se após a abolição [...]” (THEODORO, 2008, p. 24), porque o direito à liberdade não significou melhores condições sociais e econômicas para os povos negros, uma vez que o patriarcado de supremacia branca (hooks, 2019b) tenta naturalizar a opressão racial, dificultando que possamos aprender a dialogar com a nossa história, a fim de nos libertarmos coletivamente das relações de dominação, erguendo as nossas vozes como sujeitos ativos no processo de transformação social.

### **Episódio 01 – Mística: saberes que emergem dos povos do campo e das florestas**

Fotografia 02 – Organização da mística



Fonte: arquivo pessoal.

Para esse encontro, organizamos uma mística que foi pensada como um momento de celebração, para nos alimentarmos das re-existências, solidariedades, sonhos e esperanças presentes nos povos indígenas, quilombolas e MST que nos ensinam que somos seres coletivos, e que fazemos parte de uma luta ancestral, que não se

esgota em nós, sendo esses sujeitos inspirações para continuarmos com as nossas ações comunitárias em Viana. A mística foi um momento de fortalecimento individual e coletivo, pois sabemos que os direitos sociais foram garantidos mediante a luta, suor e sangue de homens e mulheres que desafiaram o sistema de opressão em que vivemos.

O momento da mística foi conduzido por Raquel Passos, intérprete musical de duas canções compostas pela Fatinha Castelan e que foram cantadas no decorrer desse encontro. A primeira, cujo título é *Da Mãe África Viemos* (2019), fala da história e memória presentes na oralidade dos povos negros que lutam cotidianamente: contra o racismo; pela liberdade de existir; e para continuarem conectados com a ancestralidade africana. Já a canção *Grita Mulher* (2017) denuncia a naturalização da violência praticada contra os corpos femininos e convoca as mulheres a seguirem lutando por sua libertação do machismo. Por meio dessas canções, encontramos na história das guerreiras afro-ameríndias a resistência necessária para continuarmos apostando nas nossas práticas políticas, pedagógicas e ecológicas em Viana.

*Força vital que está presente na ancestralidade  
Na memória, na história, em nossa oralidade  
Corpo livre e gingado, viva a liberdade  
(Trecho da Canção: Da mãe África Viemos)*

*Irmãs, irmãos quilombolas, mantêm viva a memória  
Caxambu, na capoeira, no jongo e no congo  
Gritando liberdade, é hora de lutar  
Grito que ecoa, vamos anunciar  
(Trecho da Canção: Da mãe África Viemos)*

Quanto ao espaço que compôs a mística, estavam presentes alguns instrumentos musicais e outros elementos da cultura indígena e quilombola como o tambor, casaca, chocalho, máscara africana, esteira de palha, artesanato, bem como manjerição e alecrim para perfumar o ambiente. A Raquel Passos levou um jarro com rosas do deserto, vegetação característica das regiões áridas do Continente Africano, simbolizando a resistência desses povos.

Ela também levou um tecido característico dos povos ameríndios como os Incas, sendo símbolo da tradição peruana, o que nos possibilitou refletir tanto sobre os assassinatos das lideranças indígenas e quilombolas, expulsão, quanto sobre a apropriação de suas terras pelos fazendeiros, madeireiros e indústrias. A vela simbolizava a chama da esperança, fazendo emergir em nós tudo que nos traz esperança, a fim de continuarmos nossa caminhada de re-existência enquanto integrantes dos movimentos sociais vianenses que realizam práticas ecológicas insubmissas na bacia do rio Formate.

Fotografia 03 - Diálogo com os elementos da mística



Fonte: arquivo pessoal.

Além disso, Raquel Passos levou uma camiseta estampada com os rostos de mártires capixabas, como a irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, defensora dos povos indígenas; o Juiz Alexandre Martins, que ficou conhecido como símbolo de justiça e coragem por causa de sua atuação contra a impunidade e o crime organizado no Espírito Santo; o Padre Gabriel Maire, envolvido nas lutas populares, nos grupos de fé e política e nos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base; o ambientalista Paulo César Vinha, biólogo que liderava o movimento contra a extração de areia na área de restinga e a construção de empreendimentos imobiliários em locais de preservação ambiental na cidade de Guarapari.

Nessa camiseta também estava estampado o rosto da vereadora carioca Marielle Franco, socióloga, militante feminista, negra, que lutava pelas causas das comunidades LGBTQIA+, pelos Direitos Humanos, e denunciava o abuso de autoridade e a violência policial cometida contra os/as moradores/as das favelas no Rio de Janeiro. Esse momento contribuiu para que viessem à tona o nome de outras mulheres e homens que morreram lutando contra a dominação e opressão.

Finalizamos a mística com a Raquel Passos entoando a canção *Sorriso de Marielle* (2019), composição de um grupo de artistas capixabas, do qual faz parte, em homenagem à vereadora assassinada em março de 2018. Essa música narra a resistência que nasce nos quilombos e nas favelas, sendo muitas dessas lutas lideradas por heroínas negras.

Fotografia 04 - Cantando sobre as nossas re-existências femininas



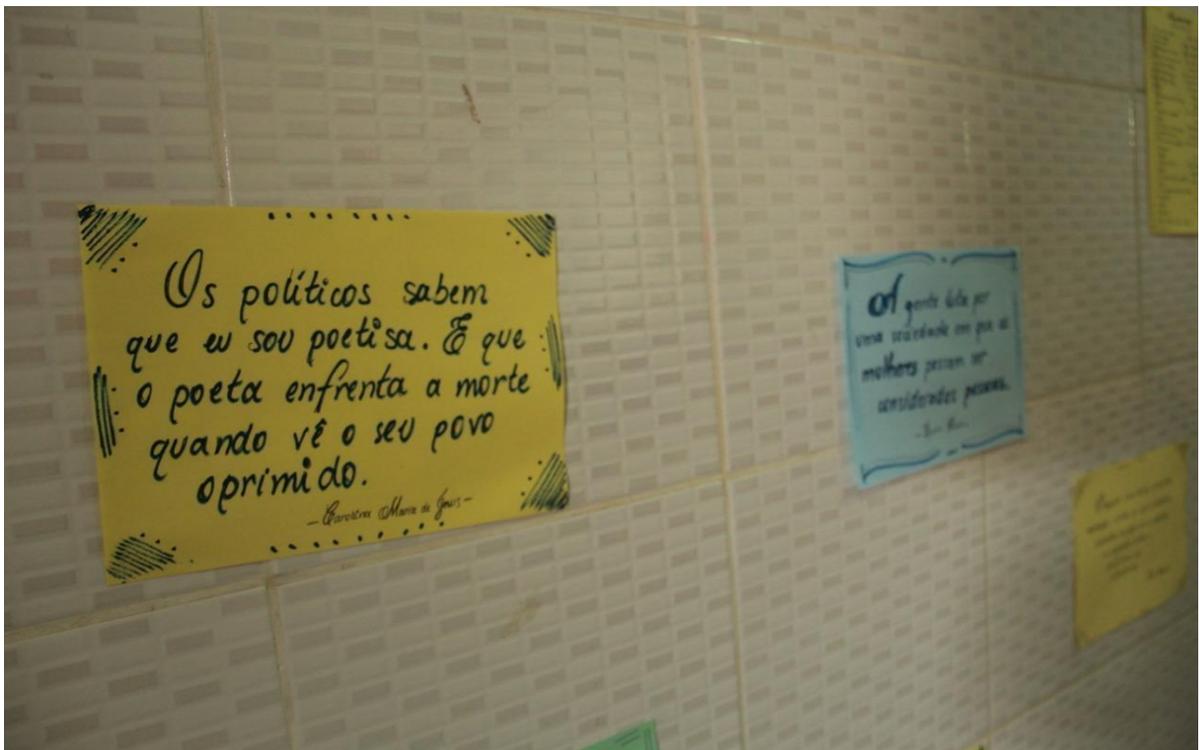
Fonte: arquivo pessoal.

## **Episódio 02 – Frases, charges e as ecologias insubmissas antirracistas**

Durante o encontro, dialogamos com as imagens e objetos que estavam presentes, sendo um convite para conversarmos sobre as narrativas insubmissas desse grupo

de mulheres que, a partir das práticas cotidianas, reinventam “ecologias menores” (GODOY, 2008), ao pensarem outros modos de existir e de habitar o mundo com base na coletividade. “[...] As ecologias que a vida produz dizem respeito a outros modos de se sentir e pensar, de se relacionar, outros modos de existência para além da conservação [...]” (GODOY, 2008, p. 152). Portanto, para esse momento formativo, escolhemos dialogar com as re-existências femininas enquanto ecologias insubmissas antirracistas.

Fotografia 05 – Frases de mulheres que produzem re-existência a partir da escrita



Fonte: arquivo pessoal.

Lemos as charges e as frases das autoras feministas negras e indígenas que dialogam sobre o amor à liberdade como enfrentamento à dominação e à opressão e que debatem a dificuldade em garantirmos políticas públicas para os povos indígenas e quilombolas, o reconhecimento das mulheres enquanto pessoas, a luta dos povos do campo, a identidade indígena, a importância da Lei Maria da Penha no combate à violência doméstica, o feminicídio, o extermínio da população negra, o diálogo feminista pautado na justiça social, equiparação e equidade de gênero. Durante esses debates, entendemos que nós mulheres podemos mudar o rumo das

nossas histórias por meio das resistências coletivas e que ninguém está disposta a retroceder e soltar a mão da outra.

Após esse momento de reflexão, assistimos ao vídeo produzido por uma das militantes do Coletivo Formate, a Juliana Gama, a fim de entrelaçarmos as nossas práticas ecológicas insubmissas às problemáticas ambientais nacionais e aos movimentos de re-existência que acontecem em diversas localidades do país, sendo muitos desses movimentos liderados por mulheres oprimidas, evidenciando que a libertação das opressões cotidianas é coletiva.

A canção escolhida para compor o vídeo foi *Eu Só Peço a Deus* (1986), interpretada pelas saudosas Mercedes Sosa e Beth Carvalho, com imagens das queimadas que ocorreram na região Amazônica em 2019; dos crimes ambientais nas cidades de Mariana e Brumadinho; do derramamento de óleo nas praias do nordeste; dos atos públicos contra o uso indiscriminado de agrotóxicos; das manifestações do Movimento Sem Terra (MST); da Marcha das Margaridas; das Mulheres Negras no combate ao racismo e extermínio da juventude negra; das mulheres indígenas contra o genocídio; do movimento feminista pelo fim da violência doméstica, feminicídio e a cultura do estupro; da luta dos refugiados para serem aceitos em outros países.

Já na segunda parte do vídeo, mostramos os movimentos ocorridos no município de Viana, tais como: a Femopovi liderando o movimento nenhum direito a menos; a Asiarfa na caminhada ecológica de Araçatiba; a Ascamavi no trabalho de reciclagem em Viana; o grupo Artesanarte na luta pela Economia Solidária; o Coletivo Formate nas ações da Ecoteca e na oficina de audiovisual no Cine Terra Mãe; a representatividade do congo de Araçatiba; o Sarau plural que exala resistência em Marcílio de Noronha e os Amigos do rio Formate numa ação de plantio de mudas nativas às margens desse rio.

Conversamos sobre os movimentos de re-existência e a presença feminina nesses espaços como sendo atuante e significativa. Pensamos também nas mulheres nessa relação de transformação do e com o mundo, como “[...] um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens [e as mulheres], onde quer que

estejam estes, oprimidos, o ato de está em se comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação [...]” (FREIRE, 2017b, p. 111). Por esse motivo, buscamos criar e experimentar outros modos de existir, reorganizando a ordem masculina de mundo, por meio das nossas relações subjetivas e afetivas, envolvendo-nos com as demandas sociais.

De acordo com a autora Sueli Carneiro (2019, p. 197) “[...] um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país”, porque fazemos parte dos grupos historicamente oprimidos, que almejam a justiça social e a democrática, reconhecendo que não existirá uma democracia de fato enquanto houver desigualdades raciais, sociais, econômica, de gênero e intragênero.

### **Episódio 03 – Poesia indígena: pensando as resistências e violências praticadas contra os seus corpos e existências**

Recitamos o poema *Natureza em chama*, da escritora Márcia Kambeba, mulher indígena, feminista, geógrafa, poetiza, cantora, compositora, fotografa, atriz, contadora de história e documentarista, que se expressa por meio da arte como forma de reafirmação dos povos indígenas. Ela acredita que semelhante à sapopema (raiz) da Sumaúma<sup>1</sup> que ao ser tocada ecoa longe o seu som, as expressões artísticas, com as quais dialoga, também fazem ecoar o som das vozes dos guerreiros e guerreiras indígenas que resistem às violências praticadas contra os seus corpos e sua existência.

*Na terra sagrada  
Que Tupã criou,  
Do seio materno  
Se ouve o clamor,  
Da mãe natureza  
Sofrendo de dor.*

*O fogo ardente,  
Ao longe se vê,*

---

<sup>1</sup> Árvore gigante símbolo da região amazônica, que pode chegar à altura de 70 metros.

*Queimando a mata  
Sem Q, nem porquê,  
As folhas se torcem  
Querendo viver.*

*No solo desnudo,  
Os restos mortais,  
Do verde da vida  
E dos animais,  
Queimados, sofridos  
Em cinzas reais.*

*Dos gritos agudos  
Se ouve o clamor,  
Do fruto ardendo  
Na chama, no calor,  
Ceifado, perdido,  
O fogo o calou.*

*Dos olhos tristes,  
Uma lágrima cai,  
O lamento de dor  
Com o vento se vai,  
Varrendo o chão,  
Varrendo o chão!  
(Poetiza: Márcia Wayna Kambeba)*

Através desse poema, recordamos as educações ambientais que emergem das nossas redes de conversações, e um dos assuntos que aflorou foi o período das queimadas que aconteceram na região amazônica em 2019, que mostram como a herança colonial portuguesa está presente no modo de vida capitalista, urbano e industrial que marca as relações de dominação, acultramento, genocídio da população indígena, pois estes insistem em manter essa relação de pertencer a terra, que dá sentido à nossa existência a partir dessa conexão entre subjetividade, relações sociais e o cuidado com o meio ambiente onde estamos inseridos/as.

Esse momento também fez emergir em nós o sentimento de admiração, respeito, gratidão, solidariedade aos povos indígenas que resistem, e defendem os seus territórios com o próprio sangue há mais 500 anos contra “[...] o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza [...]” (KRENAK, 2019, p. 41). Por isso,

buscamos na resistência dos povos indígenas inspiração para continuarmos realizando as nossas práticas ecológicas em defesa do rio Formate.

Fotografia 06 - Diálogos poéticos insubmissos



Fonte: arquivo pessoal.

#### **Episódio 04 - Diálogo com a literatura: narrativas ficcionais e racismo ambiental**

Apresentamos a escritora Conceição Evaristo e a sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), que inspirou o nosso encontro “*Diálogo de Mulheres Insubmissas*”, porque as narrativas ficcionais que emergem do cotidiano das protagonistas negras foram construídas com o intuito de questionarem as relações humanas opressoras e também de mostrarem a solidariedade e irmandade feminina negra, e como elas se acolhem e criam estratégias para se libertarem do patriarcado. Destacamos nesse livro a maneira como a autora escolheu retratar cada personagem, recorrendo à mística, ancestralidade e oralidade africana, para produzir outros discursos e narrativas contra-hegemônicas, sendo esses diálogos um convite para repensarmos as nossas existências e a continuarmos com as nossas insubmissões contra as forças coloniais.

Fotografia 07 - Literatura enquanto espaço de enfrentamento ao racismo



Fonte: arquivo pessoal.

Fizemos também uma breve apresentação do livro *Quarto de Despejo* (2014), de autoria de Carolina Maria de Jesus. A leitura desse livro mostra como a escritora era uma mulher forte, determinada e talentosa, que apesar de sofrer discriminação por ser mãe solo, continuava cuidando dos filhos sozinha, pois essa decisão era uma escolha dela, visto que tinha outras prioridades e sonhos que não estavam atrelados ao matrimônio. Quando vivenciava situações de racismo, dizia “[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2014, p. 64). Lemos um dos poemas de Carolina Maria de Jesus, publicado no jornal *Folha da Noite* (1958), no qual ela reivindica o direito de ser reconhecida como escritora.

*Não me digam que fui rebotalho,  
Que vivi à margem da vida.  
Digam que eu procurava trabalho,  
Mais fui sempre preterida.  
Digam ao povo brasileiro  
Que meu sonho era ser escritora,  
Mas eu não tinha dinheiro,  
Para pagar uma editora.*

*(Poetiza: Carolina Maria de Jesus)*

Por meio da publicação do seu diário, na década de 60, a escritora Carolina Maria de Jesus conseguiu garantir o direito de existir publicamente, no período em que as narrativas autobiográficas faziam parte da cultura dominante. “[...] ainda são raras as autobiografias de mulheres transgressoras, sejam as politicamente engajadas em movimentos sociais, sejam as que se rebelaram de outros modos contra os códigos normativos hegemônicos, especialmente no Brasil” (RAGO, 2013, p. 32).

Pensando na Carolina que habita em nós, pois as suas vivências se assemelham com o cotidiano da maioria das mulheres marginalizadas que estavam participando do encontro, acabamos nos identificando com ela. Como foi o caso da Demilene Prates, que faz parte da comissão de verificação da heteroidentificação no município de Viana, atua no conselho de saúde, é negra, viúva, mãe solo, que cuida dos três filhos, sendo um deles pessoa com deficiência, e que recebe o aluguel social.

A Demilene disse que também é cobrada em relação ao casamento, mas, que já tem uma rotina organizada com os filhos. E quando a casa precisa de pequenos reparos, sendo essas atividades consideradas atribuições socialmente masculinas, ela e a filha fazem os consertos cozinhas. Outra situação que faz com que Demilene se identifique com a escritora Carolina Maria de Jesus é a dedicação à educação formal dos filhos, porque acredita na transformação social por meio da educação.

A Mariazinha Lourenço narrou que a história de Carolina Maria de Jesus lhe fez recordar da dona Maria Clara da Silva, mulher negra, pobre, iletrada, moradora do município de Vila Velha, idealizadora do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN) no Espírito Santo, uma militante com grande sabedoria popular. A Mariazinha disse que elas se conheceram no período em que participou e representou a Femopovi no movimento de moradia popular.

Nessa ocasião, um grupo de moradores/as de Viana conseguiu organizar um levantamento de dados, em 2016, que serviu de base para que a Femopovi pudesse atualizar as informações municipais no Ministério das Cidades, porque a instituição

havia sido aprovada para construir moradias populares, sendo destinadas às famílias de baixa renda e moradores/as das áreas de risco.

A Elenice Tozzi mencionou que por causa do golpe político sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, a Femopovi perdeu a possibilidade de construir 290 moradias populares, porque o Ministério das Cidades passou a exigir dos movimentos sociais que haviam sido habilitados, experiência prévia nessa área, beneficiando somente as empresas que já atuam na área de construção civil. Por isso, a Femopovi não conseguiu tirar esse sonho do papel.

O encontro com a literatura contribuiu para vivenciarmos esse diálogo de descolonização dos nossos pensamentos, no sentido de enegrecermos e ocuparmos os espaços de poder (CARNEIRO, 2019) associando à imagem dos corpos femininos negros marginalizados pelo patriarcado de supremacia branca (hooks, 2019b) como sendo corpos de sujeitos políticos, que fazem o enfrentamento ao racismo, machismo e sexismo. Nesse encontro-formação, conversamos a respeito das problemáticas ecológicas locais e como o racismo ambiental impacta nas nossas discussões sobre saneamento básico, água e as possíveis ações de preservação do rio Formate que atualmente está em coma devido à poluição.

### **Episódio 05 - Rio Formate: espaço de aprendizagem coletiva**

Nas nossas conversas, a Célia Maria (conhecida como Beth) relatou que a organização de alguns moradores/as que compõem a Região Administrativa 10<sup>2</sup> do município de Cariacica conseguiu garantir a finalização das obras referente aos apartamentos do condomínio Apolônio de Carvalho, localizado no bairro Operário, sendo estas moradias destinadas às famílias que residiam nas áreas de risco, incluindo os moradores/as que margeiam o rio Formate nessa região.

---

<sup>2</sup> Refere-se aos dez bairros que compõem a região administrativa do município de Cariacica, sendo eles: Novo Brasil, Nova Campo Grande, Vale dos Reis, Vista Dourada, Novo Horizonte, Operário, Piranema, São Gonçalo, Mucuri e Vila Independência.

Entretanto, no município de Viana, os moradores/as que vivenciam a mesma realidade às margens do rio, por falta de programas habitacionais, continuaram residindo nos mesmos locais e tendo perdas materiais nos períodos de alagamentos. Ela também mencionou que, para avançarmos em relação à revitalização do rio Formate, temos que conseguir recursos municipais (Cariacica e Viana) e estadual e que dependemos da ampliação da rede de esgoto pela Cesan, principalmente nos bairros da Região Administrativa 10 de Cariacica.

Fotografia 08 - Compartilhando histórias de re-existências



Fonte: arquivo pessoal.

Aproveitamos esse momento de diálogo sobre moradia, rio, enchentes e a dificuldade que grande parte da humanidade tem de se relacionar com os demais seres vivos e com o meio ambiente em que vivemos, para recitarmos o poema *Lamento de um Rio*, da professora Scheilla Lobato, que atua na educação infantil da rede pública municipal de Cachoeiro de Itapemirim.

*Me perdoem por toda esta "bagunça"...*  
*Eu só queria passar.*  
*Eu não fui feito pra destruir...*

*Eu só queria passar.*

*Já fui esperança para os Navegantes...  
 Rede cheia para Pescadores...  
 Refresco para os banhistas em dias de intenso calor.  
 Hoje sou sinônimo de medo e dor...  
 Mas, eu só queria passar...*

*Me perdoem por suas casas  
 Por seus móveis e imóveis  
 Por seus animais  
 Por suas plantações...  
 Eu só queria passar.*

*Não sou seu inimigo  
 Não sou um vilão  
 Não nasci pra destruição...  
 Eu só queria passar.*

*Era o meu curso natural  
 Só estava seguindo meu destino  
 Mas, me violentaram,  
 Sufocaram minhas nascentes  
 Desmataram meu leito...  
 Quando eu só queria passar.*

*Encontrei tanta coisa estranha pelo caminho...  
 Que me fizeram transbordar...  
 Muros  
 Casas  
 Entulhos  
 Garrafas  
 Lixo  
 Pontes  
 Pedras  
 Paus...  
 Tentei desviar ...  
 Porque eu só queria passar.*

*Me perdoem por inundar sua história,  
 Me perdoem por manchar esta história...  
 Eu só estava passando...  
 Seguindo o meu trajeto  
 Cumprindo o meu destino:  
 Passar....  
 (Poetiza: Scheilla Lobato)*

Pensando a realidade do rio Formate em Viana, para além das situações envolvendo as problemáticas que ocorrem no período das enchentes, destacamos

que os moradores/as mais antigos do bairro Marcílio de Noronha compartilham histórias afetivas com este rio, e essa relação acabou despertando em alguns moradores/as o interesse pela participação social, ao atuarem na associação de moradores, Pastoral da Criança, conselhos municipais de direitos, movimentos sociais que têm como bandeira de luta este rio.

Além disso, são organizadas ações, em conjunto, entre os movimentos de resistência dos municípios de Viana e Cariacica em defesa e preservação do rio Formate. Dentre elas foram organizadas duas audiências públicas em 2019, na qual foi formada uma comissão com membros desses movimentos para dialogarmos com os gestores municipais e também apostarmos nas práticas educativas nas escolas mais próximas do rio. Podemos dizer que o rio Formate tem estimulado movimentos de resistências, contribuído com a nossa formação política e cidadã e possibilitado reinventar práticas educativas comunitárias e aprendizagens coletivas.

Por causa da sua atuação na Asiarfa, a Maria da Penha Leite escreveu e declamou o poema *Onde Nasce o rio Formate*.

*Bem no Alto da Colina  
Nasce um rio, pequenino e singular  
Sua água é pura e cristalina,  
Sua beleza é sem par!  
Nessa água pura e cristalina  
Todos podem se espelhar.*

*Vem descendo sereno  
Abraçando outros rios  
Córregos e nascente  
Formando em seu leito  
A mais linda corrente!  
Essa água mansa,  
Que tanto me fascina!  
Sacía a nossa sede  
E a sede de criação  
Também sacía a sede  
Da planta que germina!*

*De repente me invade,  
Uma imensa tristeza!  
Quando vejo sem graça  
Esse rio que passa,*

*Perdendo a beleza!  
 Pra reverter a nossa vertente,  
 Eu convido a toda gente  
 Pra não deixar doente  
 Esse rio tão potente!  
 Que é o nosso expoente!  
 Venham todos!  
 Através da união  
 Fazermos neste rio  
 Em forma de ação  
 Sua grande revitalização*

*Revitalização?  
 Como?  
 Com quê?  
 Lei lá  
 Não importa com o quê.  
 Seja cedro, vinhático, jacarandá ou Ipê  
 Laranjeiras, bananeiras  
 Ou mudinha de abacate  
 Só não podemos deixar morrer  
 O nosso rio Formate!  
 (Poetiza: Maria da Penha Leite da Silva)*

Nesse poema, constatamos duas realidades: a primeira mostra um rio Formate cristalino, que nasce na área rural, do qual as pessoas utilizam suas águas para se manterem vivendo no campo, sendo esse rio essencial também para a vegetação nativa local; já a segunda parte do poema, mostra um rio Formate poluído no perímetro urbano, por causa da ocupação irregular de suas margens, o acúmulo de lixo, esgoto doméstico e industrial sem tratamento, sendo essa situação agravada pela retirada da mata ciliar, provocando o assoreamento do rio em algumas localidades. O poema também fala da importância das pessoas se envolverem no processo de revitalização do rio Formate.

A Penha deixou também transparecer a sua preocupação com a reforma da previdência e com o fato de que essa mudança atinge principalmente as mulheres. Ela disse que nós trabalhadores/as já fomos penalizados com o congelamento dos gastos na saúde, educação e na assistência social, medida tomada após o golpe político sofrido pela presidenta Dilma Rousseff. Outra preocupação dela tem sido com relação ao aumento do consumo de agrotóxico no país e o impacto que o agronegócio causa na nossa saúde e no ambiente em que vivemos.

Aproveitamos a ocasião e solicitamos que a Penha pudesse recitar outro poema escrito por ela, que é o *Quebraram a nossa pátria e rasgaram a nossa bandeira*, tendo sido este publicado em 2018, no livro João Bananeira II, através da 7ª edição do concurso Semente Literária, organizado pela Prefeitura Municipal de Cariacica.

*Nossa Bandeira Brasileira  
Que deveras foi consagrada  
Pela maioria respeitada  
Nunca deixou de ser amada.*

*Hoje, a nossa bandeira, eu fico a olhar  
Com meus olhos rasos d'água,  
A voz embargada e o peito magoado  
Pois a minoria fez dela  
Apenas um manto rasgado!*

*Nossa riqueza foi surrupiada!  
Nosso ar poluído, nosso céu,  
Pela fumaça acinzentado  
Nossa água cristalina  
Pela elite envenenada!  
Nosso verde foi devastado  
Pelos barões foi transportado  
Sem ao menos perguntar  
Por quem foi plantado?*

*É hora de darmos as mãos  
Não podemos postergar  
Vamos todos em união  
A nossa pátria consertar  
E a nossa bandeira costurar.  
(Poetiza: Maria da Penha Leite da Silva)*

Diante do contexto político atual, pensar em reconstruir o Brasil é um grande desafio e para nós que acreditamos e nos envolvemos nos movimentos sociais comunitários é um compromisso que assumimos no nosso cotidiano, pois as nossas histórias de resistência são tecidas coletivamente mediante as práticas ecológicas insubmissas que realizamos e temos dialogado a respeito da retomada das formações de base a fim de continuarmos com o nosso legado de resistência.

## Episódio 06 - Heroínas negras mostram que as nossas re-existências são ancestrais

Apresentamos a coleção em cordéis das vinte heroínas negras brasileiras (2017), que compõe a obra da escritora, poetiza, cordelista, jornalista nordestina Jarid Arraes, militante do movimento feminista negro, que ao revisitar a história dessas mulheres, sentiu o desejo de contribuir com o movimento de re-existência a fim de que elas não sejam esquecidas. Por isso, escolheu apresentá-las em cordéis, como forma de facilitar o diálogo especialmente com os/as estudantes. Entendemos que “[...] o propósito aqui não é impor uma epistemologia da verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas” (RIBEIRO, 2019a, p. 14).

Fotografia 09: Diálogos reflexivos



Arquivo pessoal.

A coleção das heroínas negras (2017) dialoga com o livro *Olhares Negros: raça e representação* (2019a), da autora bell hooks, no qual ela faz “[...] um regresso em busca daquilo que as narrativas hegemônicas ‘deixaram cair’ ao longo da história. Consolida-se como uma obra que nos impõe um compromisso ao mesmo tempo

epistemológico e ético” (hooks, 2019a, p. 22), sendo essas leituras um convite para repensarmos a imagem socialmente construída a respeito de nós mulheres.

Iniciamos esse diálogo, apresentando Maria Aranha, que foi uma das lideranças política do quilombo do Mola, localizado em Tocantins. Antonieta de Barros, professora, jornalista, escritora, foi a primeira deputada negra, defendia a emancipação feminina e lutava contra o racismo. Maria Firmina dos Reis, professora e primeira escritora negra brasileira, abordava temas ligados à abolição da escravidão, criticava a sociedade escravagista e fundou uma escola pública, gratuita e que atendia meninas e meninos na mesma sala de aula. Maria Felipa, marisqueira que liberou um grupo de mulheres no processo de independência da Bahia. Eva Maria do Bonsucesso, mulher alforriada, ousada, trabalhava como quitandeira, foi agredida por um homem branco, rico e de família influente, defendeu-se da agressão, denunciou o agressor e lutou arduamente até ele ser condenado e preso.

Dando continuidade à trajetória das heroínas negras, destacamos a atuação de Tereza de Benguela, que liderou por vinte anos o Quilombo Quariterê em Mato Grosso e de forma coletiva tomava as decisões, e quando apreendiam nas batalhas as armas dos Bandeirantes, transformavam os armamentos, principalmente, em panelas para alimentar o povo quilombola. Aqualtune princesa guerreira do Congo, escravizada no Brasil, símbolo de resistência, liderou e expandiu o Quilombo dos Palmares e foi avó de Zumbi dos Palmares. Zeferina, rainha, guerreira, que fundou o quilombo do Urubu. Era também estrategista de guerra. Tia Ciata exercia sua liderança religiosa por ser Mãe de Santo, sua casa era um ponto de cultura e resistência negra abrigando os/as sambistas e capoeiristas marginalizados/as e perseguidos/as pela polícia. Tia Simoa liderou o processo de luta e resistência negra pelo fim da escravização de pessoas no Ceará.

Evidenciamos também a história de Luiza Mahin que participou ativamente da revolta dos Malês e da Sabinada que aconteceram na Bahia e, em sua casa, ocorriam as reuniões de organização dos movimentos de resistência. Anastácia utilizava o seu conhecimento como curandeira para aliviar a dor e o sofrimento de seu povo, mesmo tendo sido ela obrigada a usar uma máscara em seu rosto, após

lutar para não ser abusada sexualmente pelo filho do casal que a escravizava. Mariana Crioula liderou juntamente com Manoel Congo a maior fuga de pessoas escravizadas da região fluminense, no Rio de Janeiro. Esperança Garcia, mulher escravizada, que corajosamente denunciou, por meio de carta, as situações desumanas vivenciadas pelos/as negros/as, tendo sido simbolicamente reconhecida pela Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Piauí, como a primeira mulher advogada desse Estado.

Temos ainda as histórias de Acotirene, matriarca do Quilombo dos Palmares, guerreira e conselheira quilombola. Na Agontimé, rainha de Daomé, veio escravizada para o Brasil, comprou a sua alforria e fundou a Casa das Minas, religião de matriz africana, de origem matriarcal. Laudelina de Campos, sindicalista, trabalhadora doméstica, militante feminista e defensora da igualdade racial. Zacimba Gaba, princesa guerreira da nação de Cabinda, localizada na Angola, foi sequestrada e vendida na Capitania do Espírito Santo, liderou a revolta na qual os seus algozes foram mortos e fundou o seu próprio quilombo. Dandara dos Palmares, guerreira, capoeirista, líder do exército feminino palmarino, trabalhadora agrícola e estrategista de guerra. Carolina Maria de Jesus, escritora mineira, favelada, catadora de papel, que narrou em suas obras as questões raciais, de gênero e as desigualdades sociais.

Essa tentativa de apagar da historiografia oficiosa ou oficial (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003) as mulheres negras que buscaram romper com a opressão patriarcal, não permitindo que tivéssemos acesso a elas no período escolar, tem sido uma estratégia utilizada para se naturalizar a violência, reforçar o machismo, as desigualdades raciais e de gênero, fazendo-nos acreditar em uma suposta postura feminina conformista diante das relações de dominação masculina. O protagonismo dessas mulheres negras mostra que em diferentes momentos históricos elas organizavam espaços de re-existência, não se restringindo ao ambiente doméstico familiar, pois atuavam como lideranças políticas.

Constatamos que, “[...] em um contexto supremacista branco, ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia-a-dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora” (hooks, 2019a, p. 47). Por isso, para

as feministas negras, combater o racismo é um compromisso político assumido frente às relações de opressão, dominação e sexismo.

Trazer à tona as histórias das heroínas negras foi uma maneira que encontramos de evidenciar que as nossas re-existências são ancestrais contra as relações de dominação e nos alimentamos da coragem e ousadia dessas mulheres por entendermos que guardamos em nós parte das histórias dessas guerreiras, a fim de que elas possam nos inspirar a continuarmos praticando as nossas insubmissões coloniais em Viana, conectando as nossas práticas ecológicas com as ações educativas antirracistas.

### **Episódio 07 - Becos da Memória: (re)inventando práticas ecológicas insubmissas**

Fotografia 10 - Exposição Fotográfica Becos da Memória



Fonte: arquivo pessoal.

Organizamos uma exposição de fotografias que chamamos de “Becos da Memória” (2017), tendo sido inspirado no livro “Becos da Memória” da escritora Conceição Evaristo. Essa aproximação se deu pelo fato de a autora abordar fragmentos das histórias de pessoas marginalizadas, moradoras de uma comunidade, cujas *escrevivências* se entrelaçam com o processo de desfavelamento, que fez emergir

um pouco dessa memória afetiva dos/as moradores/as, as lembranças, as emoções, a ancestralidade, a solidariedade, sendo registros das memórias oprimidas e também um convite para revisitarmos as nossas memórias e evidenciarmos quem são as pessoas com as quais escolhemos compor as nossas histórias de re-existências.

Ressaltamos que uma parte das fotografias foram dedicadas às escritoras, autoras, feministas negras e indígenas, como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Elisa Lucinda, bell hooks, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Márcia Kambéba, Sônia Guajajara e Eliane Potiguara. Realizamos também uma homenagem às mulheres que foram assassinadas, como Marielle Franco, devido a sua atuação política; Dorothy Stang, que defendia a luta camponesa e indígena pelo direito a terra e a pequena Araceli Cabrera, criança que se tornou símbolo da luta no combate à violência sexual praticada contra as crianças e os adolescentes, após sofrer abuso sexual, ser morta e carbonizada. Outra mulher lembrada foi a Maria da Penha Maia, vítima de violência doméstica, que levou um tiro, ficou paraplégica e quase morreu eletrocutada pelo ex-companheiro, uma sobrevivente que conseguiu garantir a criação da Lei Maria da Penha.

As demais fotografias dialogavam com as práticas cotidianas de mulheres vianenses, como a Cida Oliveira na ação de plantio às margens do rio Formate e seus afluentes; a Zezé Barbosa realizando seu trabalho na Ascamavi; a Mariazinha Lourenço no grupo de mulheres artesãs; a Linda de Abreu e a Josi Galina coletando água do rio Formate para o projeto Observando os Rios, do SOS Mata Atlântica; a professora Penha, organizando uma ação beneficente para manter as atividades ambientais da Asiarfa; a Dani Dias na Oficina de fanzine; a Elenice Tozzi e a Márcia Margareth na posse da Gestão da Femopovi; a Linda de Abreu participando do projeto Bike Anjo, que ensina as pessoas a andarem de bicicleta e, no movimento de panfletagem da Mercy For Animals, falando da importância da vida dos animais.

Mostramos ainda a Cida Araújo em um momento de roda de conversa com mulheres que lutam contra a violência doméstica e pelo direito ao emprego e renda, e discursando sobre as perdas dos direitos sociais nesse desgoverno; a Menara Lopes em um ato público #EleNão, que ocorreu em 2018, organizado pelas

mulheres em protesto contra a candidatura do atual presidente da república, por causa das suas declarações machistas, homofóbicas, sexistas e que reforçam as relações patriarcais; a Raquel Passos mostrando a sua resistência através da música; a Dani Lyra na oficina de papel reciclado; a Juliana Gama na organização da 3º mostra do Cine Colorado, no evento de premiação da Mostra Curta Colorado em 2018 e na oficina de cineclube realizada no Sítio Terra Mãe com a comunidade de Piapitangui; a Josi Galina na oficina de leitura com as crianças na Ecoteca e conduzindo o momento de formação de professores/as em educação ambiental no Município de Viana.

A exposição fotográfica Becos da Memória foi organizada para dialogarmos com as imagens das nossas práticas políticas, pedagógicas e ecologias insubmissas locais que expressam um pouco desses sentimentos que brotam, afloram e transbordam em nós, deixando fluir a vida, sendo a representação do nosso amor pelo mundo, nessa relação de quem transforma, ensina e aprende com o mundo e por meio da experiência de ser coletivo. Nessas fotografias buscamos evidenciar a esperança como ato revolucionário por está associada ao verbo esperar no sentido de não se conformar com a realidade opressora, pois “[...] movo-me na esperança enquanto luto (FREIRE, 2017b, p. 114)

### **Episódio 08 - Cineclube enquanto prática política e pedagógica**

No 1ª momento cineclubista, assistimos ao vídeo produzido pela Mídia Ninja (2019) sobre Marielle Franco, que se tornou fonte de inspiração para a canção *Sorriso de Marielle* (2019) e para dialogarmos sobre a pouca participação das mulheres negras e militantes ocupando cargos políticos, mesmo após a aprovação da Lei 9504/97, que foi alterada pela Emenda Constitucional 97/2017, que reserva 30% das legendas partidárias às candidatas mulheres. Entendemos que o cumprimento dessa lei, juntamente com a mudança de pensamento, no sentido de reconhecermos que nós mulheres somos sujeitos políticos que lutam pela democratização política, pode ser considerada um avanço.

Na democracia representativa brasileira, geralmente, os cargos políticos são ocupados hegemonicamente pelos homens, heterossexuais, brancos, racistas, classistas e sexistas, sendo esses motivos, os principais dificultadores no enfrentamento das desigualdades de gênero e intragênero no âmbito político partidário. Além disso, a superação dessa situação acontece de forma morosa, por isso, precisamos contribuir com a mudança dessa realidade (CARNEIRO, 2019). No nosso caso, enquanto mulheres que compõem os grupos sociais marginalizados, podemos contribuir com o diálogo sobre a pouca presença feminina negra no cenário político associado às nossas práticas comunitárias.

Fotografia 11 - Diálogos que incomodam a casa-grande



Fonte: arquivo pessoal.

No 2ª momento cineclubista, assistimos ao vídeo com a entrevista da escritora Conceição Evaristo, concedida ao Instituto Tear: ponto de cultura e educação (2017), no qual ela fala que a *escrevivência* é a escrita que nasce do cotidiano das mulheres negras, ao representar a sua subjetividade individual e coletiva, retratando o contexto social e político das mulheres oprimidas e marginalizadas, porque “[...] a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos [...]” (EVARISTO, 2007, p. 21), a fim de problematizarmos acerca das injustiças raciais, sociais e de gênero e como

essas situações atravessam os nossos cotidianos enquanto mulheres inseridas nos movimentos sociais que realizam práticas políticas, pedagógicas e ecológicas insubmissas no município de Viana.

De acordo com a escritora Conceição Evaristo, o ato de “[...] escrever é uma maneira de sangrar [...]” (EVARISTO, 2018, p.117), por trazer à tona recordações que causam muitas vezes dor e sofrimento às mulheres negras, devido à complexidade de suas experiências, mas também é uma forma de evidenciar como cada uma reinventa a vida, ao encontrar outros caminhos para continuarem resistindo.

Através desse encontro com as *escrevivências* da autora Conceição Evaristo, conversamos sobre as narrativas e imagens que nós mulheres produzimos, os lugares de onde elas emergem, os discursos que queremos construir a partir dos vazios históricos deixados pela falta de representatividade feminina, estando essas escolhas e apostas entrelaçadas com o nosso reconhecimento e reafirmação enquanto sujeitos históricos e políticos, dada as nossas experiências como mulheres negras em uma sociedade machista e racista.

No 3ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Negra Tinta* (2018), de autoria da cantora Carú Bonifácio e interpretada por ela e a cantora Bia Ferreira, sendo essa música um convite para as mulheres negras romperem com a subalternidade feminina nas relações de gênero, enegrecendo os espaços de opressão. Elas são compositoras, cantoras, poetizas que dialogam em suas canções sobre negritude, feminismo, força e liberdade. Para essas duas artistas, reconhecer-se como mulher negra e da periferia foi essencial para que as suas escritas musicais se tornassem expressão artística de grito à liberdade, pois são canções que brotam dos seus cotidianos, são símbolos de resistências narradas a partir das suas existências e lugar de fala.

Essa canção reconhece que a união, força e solidariedade feminina na luta coletiva contra o machismo, possibilita-nos desconstruir os discursos patriarcais, os padrões estéticos femininos, que impõe a branquitude como padrão de beleza, sendo esta uma violência simbólica cometida contra as mulheres negras, já que predomina a

estética hegemônica opressora branca e a tentativa de se reduzir, sejam mulheres negras ou brancas, a objetos sexuais.

A canção *Negra Tinta* foi dedicada às mulheres silenciadas pela dominação masculina, às donas de casa que não podem trabalhar fora do lar, às vítimas de feminicídio, as que são violentadas sexualmente, que sofrem violência doméstica, que não podem estudar e às trabalhadoras subalternizadas nos centros urbanos.

Conversamos sobre a pouca presença de mulheres negras nos meios de comunicação e refletimos acerca da atuação do feminismo negro na luta antirracista, na desconstrução da imagem estereotipada da mulher negra, geralmente apresentada de forma sexualizada ou subalternizada, e também ampliamos os diálogos acerca da representatividade feminina negra, pensando a sua diversidade enquanto mulheres heterossexuais, bissexuais, lésbicas, transgêneros, travestis e obesas.

A Josi Galina compartilhou que as mulheres negras e lésbicas ficam mais expostas à discriminação, por causa da cor da pele, orientação sexual e da renda familiar, porque são as mais afetadas pela pobreza. Essas mulheres ainda rompem com a visão de felicidade feminina e a ideia de prazer associado ao homem, bem como o entendimento da figura masculina como chefe e protetor da família.

Essa reflexão da Josi vai ao encontro das discussões suscitadas pela autora Grada Kilomba (2019), que menciona como gênero, raça e sexualidade se entrelaçam com o objetivo de tentar marginalizar, segreguar e silenciar as mulheres negras. Além disso, ela destaca que a boca da população negra ainda é um órgão utilizado pelos dominadores com a intenção de manterem o controle dos nossos corpos e pensamentos, dificultando que nos tornemos sujeitos/as por meio da anunciação da palavra.

A Linda de Abreu trouxe como reflexão a importância dos movimentos feministas se sensibilizarem e dialogarem a respeito do sofrimento dos animais fêmeas que são considerados mercadorias de consumo e que carregam em seus corpos as marcas da violência praticada contra elas, tendo como objetivo alimentar os seres humanos.

No caso dos animais domésticos, como as gatas e cachorras, muitas são descartadas nas ruas pelos seus “cuidadores/as” pelo fato de serem fêmeas.

No 4ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Menina Pretinha* (2016), da MC Soffia, adolescente negra, que quando criança compôs juntamente com outros artistas essa música. Ela é cantora de rapper, compositora, capoeirista, descendente de uma família de militantes do movimento negro e busca inspiração na história de vida de Dandara dos Palmares e Carolina Maria de Jesus, porque suas canções são de resistência contra o racismo, machismo e desconstrução dos padrões de beleza branca. Nessa canção, ela aborda sobre as bonecas pretas, beleza negra, cabelo crespo, que as meninas negras têm como ancestrais rainhas, fala da necessidade de resistência das crianças negras no combate ao racismo.

Diante dessa canção, a Amanda Rodrigues mencionou que quando criança não gostava de ser negra, sentia que era ruim ser negra, por isso, colocava pregador no nariz acreditando que iria ficar mais fino, até pensou em beber cloro para ser branca, alisava e usava chapinha no cabelo para garanti-lo sempre liso. Ela comentou que se na infância tivesse tido contato com livros, músicas e bonecas que representassem e valorizassem as pessoas negras, com os quais pudesse se identificar, teria sofrido menos.

A Dani Dias disse que tem lutado diariamente para que o filho Théo seja reconhecido como criança preta, que na maternidade ao receber a declaração de nascido vivo, o médico não queria declarar que o Théo era preto, insistia em colocar pardo. Quando foi registrar a criança não deixou que colocasse pardo. Já na Unidade de Saúde, ao solicitar o cartão de vacina do filho, acabou se desentendendo com a enfermeira, porque ela não queria marcar no cartão da criança a opção preto. Todas essas situações aconteceram antes dos quinze primeiros dias de vida do filho.

A Erika Carraretto se emocionou ao recordar que trabalha como professora em uma mesma escola há mais de 10 anos, que sempre se sentiu incomodada com o fato dos/as alunos/as não se reconhecerem como negros/as e que, em 2019, organizou, com as suas turmas, momentos para discutir sobre as questões raciais. Ela lembrou

que foi nesse período que nos conhecemos e realizamos um encontro com os/as alunos/as no período da consciência negra. A Erika disse que aquele encontro fez a diferença na vida de vários/as alunos/as que esse ano já se reconhecem como negros/as, bonitos/as e não têm vergonha de se autodeclararem. Poder vivenciar essa experiência é algo muito gratificante.

No 5ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Dandara* (2015), interpretada por Nina Oliveira, jovem mulher negra, cantora, compositora, poetiza, arte-educadora e moradora da periferia, que busca enaltecer a força e a coragem da mulher negra, ao fazer um resgate histórico da representatividade de Dandara dos Palmares como liderança política e guerreira quilombola, que idealizava na resistência conseguir a liberdade dos povos negros escravizados. Para Nina Oliveira, as suas escolhas musicais são inspiradas nas mulheres guerreiras de sua família.

Finalizamos o encontro buscando, na força e na ancestralidade de Dandara dos Palmares e das demais heroínas negras, a inspiração para continuarmos esse legado de re-existência feminina, enegrecendo as nossas histórias, regando-as de afeto, a fim de que os nossos sonhos sejam nutridos com a esperança e desejo de resistir, fazendo ecoar as nossas vozes insubmissas.

### **Episódio 09 - Narrativas referentes à avaliação do encontro formativo**

O encontro diálogo de mulheres insubmissas nos possibilitou um espaço de aprendizagem, por meio das trocas de experiências e dos diversos recursos pedagógicos que potencializaram o diálogo, despertando em nós, o desejo de “[...] defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re) inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política [...]” (hooks, 2019a, p. 11), movendo-nos a confrontar as narrativas e o pensamento hegemônico, por meio da descolonização das nossas mentes, que faz parte de um processo político, no qual nos comprometemos também a dialogar sobre assuntos pouco abordados no nosso cotidiano.

Por entendermos que “[...] não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa” (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003, p. 09), solicitamos às mulheres que participaram do encontro diálogo de mulheres insubmissas para compartilharem por e-mail, carta, áudio ou mensagem pelo WhatsApp, um pouco das experiências vivenciadas nesse encontro, como veremos nas narrativas a seguir.

*Raquel Passos*

Eu sou Raquel Passos, tenho 46 anos, sou professora e musicista e registro que foi uma alegria participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas realizado no final de fevereiro deste ano de 2020. Ano que é marcado por essa situação tão desafiadora de pandemia que nós vivemos. Esse encontro ocorreu poucos dias antes do início efetivo da pandemia, que já estava acontecendo, mas o registro oficial veio em março. Foi muito bom participar daquele encontro que aconteceu no bairro Marcílio de Noronha, junto com mulheres daqui da cidade de Viana, que têm tantos desafios a enfrentarmos, pois sabemos que nenhuma mudança no planeta ocorreu sem luta e em Viana não seria diferente.

Ter cantado a canção *Sorriso de Marielle* foi muito emocionante, porque ela havia sido composta por aquele período, tendo como compositor o Gilson Soares e a melodia do Etti Paganucci. Foi gravada [a canção] coletivamente por artistas capixabas e traz a memória e a força de Marielle Franco, essa jovem mulher negra e guerreira que ocupava um cargo político e infelizmente foi assassinada pelo sistema, ela sempre estará presente nas lutas populares.

Eu moro em Viana faz seis anos, antes morava em Cariacica, eu venho de um período da história em que fomos ensinados a perceber Viana e Cariacica como cidades irmãs, por serem vizinhas e possuírem desafios em comum. Por isso, é uma alegria morar aqui em Viana no bairro Arlindo Villaschi.

Esse encontro foi um frescor para suportarmos a pandemia, já que não podemos mais nos encontrar para organizarmos outros momentos especiais como esse, mas, que em breve possamos nos reunir para continuarmos nos fortalecendo, porque isso faz toda a diferença. Parabéns Duda pela realização desse encontro, sendo este um

espaço de motivação das potencialidades humanas, especialmente por ter escolhido caminhar com mulheres.

*Josi Gallina*

Participar do Encontro diálogo de mulheres insubmissas foi extremamente interessante desde o momento em que recebi o convite. Ser lembrada como uma mulher insubmissa me encheu de um sentimento de liberdade e de ser dona do meu próprio destino e meu primeiro pensamento sobre esse convite foi: “esse encontro promete”.

O encontro me proporcionou vários bons sentimentos: reencontrei amigas (uma que não via há bastante tempo), mulheres de luta que conheço desde a adolescência, colegas de trabalho e algumas que ainda não conhecia. Ah sim! Estavam presentes também mulheres que jamais conheceremos pessoalmente, mas que serão eternos faróis em nossas histórias de superação e luta!

Gostei muito de poder ter falado um pouco da minha história, mas gostei muito mais de ter ouvido tantas histórias de superação e de demonstração da força feminina, partindo de mulheres que coabitam o mesmo espaço tempo que eu. Cada demonstração de superação e de insubmissão dessas mulheres me enchia de orgulho, admiração e ainda mais vontade de ser autora da minha própria história. O encontro fortaleceu em mim a certeza de que o futuro será feminista e matriarcal, ou não será!

Só tenho a agradecer o convite da Duda (Edilene), minha amiga querida e mulher por quem eu tenho muita admiração! Gratidão, irmã!

*Demilene Prates*

Participei do encontro diálogo de mulheres insubmissas promovido pela Edilene e outras lideranças femininas. Naquela tarde de sábado, tivemos uma linda mística, música, poesia, assistimos a vídeos, conversamos sobre as experiências de mulheres negras, crianças e racismo.

Eu me redescobri com a música da menina pretinha, porque cresci achando que o meu cabelo crespo não era bonito. Desde criança eu alisava o cabelo, não que esse fosse o meu desejo, mas por uma imposição dessa sociedade opressora, que diz que a pessoa negra é feia e define como beleza o ser branco. E como o racismo muitas vezes nos impede de assumirmos a nossa identidade, sai do encontro com outra percepção, tanto que enviei mensagem para Edilene falando que eu tinha começado a minha transformação cortando o cabelo. Estou apenas no início da caminhada, mas não vou parar de lutar por aquilo que acredito.

Ouvi histórias de mulheres negras que fizeram a diferença no país e no mundo. Conhecer as histórias dessas guerreiras que lutaram para tornar os seus sonhos reais, mesmo com pouco estudo como foi o caso da Carolina Maria de Jesus, foi muito bom, porque não estamos acostumadas com isso, posso dizer que naquela tarde formamos um grupo de mulheres empoderadas lutando contra a realidade imposta pela família e pelo sistema opressor.

Hoje, tenho 38 anos, sou mãe de três filhos, moro sozinha com eles, já faz oito anos, meu filho do meio é especial e estamos acostumados a enfrentar preconceito inclusive na família. Eu sei o quanto as oportunidades para as mulheres negras são bem mais difíceis, mesmo com toda dificuldade, consegui cursar a faculdade de história e hoje faço gestão pública. Agradeço muito pela oportunidade de poder contar a minha história e ter participado desse encontro.

*Dani Dias*

Olá, meu nome é Daniela Dias, sou capixaba, mulher, poetisa, mãe, fanzineira e oficinaira. Fui convidada pela Duda para participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas. Já estivemos juntas em outros projetos culturais e acredito que por isso ela tenha me convidado, pela afinidade em projetos e vivências.

Para mim foi muito gratificante participar do encontro, mesmo sendo mulher não negra. Porque tive a oportunidade de ouvir a experiência de vida das outras mulheres, e também de ter partilhado um pouco da minha. Naquele momento conheci histórias e lutas diferentes das minhas, sendo hoje uma mulher não negra

com um filho negro, estou tendo que reaprender a maternidade e também tenho tido a compreensão sobre as militâncias e insubmissões dos povos negros, principalmente das mulheres. Posso dizer que foram muitas sabedorias compartilhadas naquele encontro.

Também quero ressaltar que eu era muito requisitada para exercer atividades literárias dentro da minha qualificação, mas logo que fiquei gestante, os convites foram desaparecendo. No pós-parto foi a mesma coisa, fiquei um ano sem ser convidada pra eventos. Esse é o peso que a sociedade coloca na balança para uma mãe, somente o fato de ser mãe me fechou portas para eu continuar na ativa como artista e, embora estivesse feliz com a maternidade, estava triste por ver anos de trajetória sendo apagados pela falta de compreensão. Era como se o fato de eu ter um filho me impedisse de participar de eventos, o que não é verdade, as pessoas não me deram nem a oportunidade de dizer que eu era capaz de exercer os dois papéis: mãe e artista.

Então, a Duda me convidou e eu fiquei vibrante, foi o primeiro convite pós-maternidade, eu fiz questão de levar meu filho comigo, e ele realmente não me impediu de participar da roda de conversa, nem de expor meus livros e varais de poesias, nem de interagir com as mulheres presentes, nem de apreciar os trabalhos expostos por outras mulheres.

Então, eu só tenho a agradecer. Cada mulher que relatou sobre suas militâncias com filhos especiais, mães solas, mulheres pioneiras em projetos sociais para comunidade, mulheres que cantaram e vibraram num momento tão oportuno.

Mulheres insubmissas! Foi um encontro memorável para mim e acredito que para todas nós que estivemos juntas naquele dia, partilhando e discutindo causas importantíssimas para cada uma de nós. O ambiente estava muito bem preparado, tudo estava lindo, tanto que ultrapassamos o horário e saímos todas sorrindo e nos abraçando. Gratidão! Só tenho a agradecer. Duda! Desejo sucesso hoje e sempre...

*Erika Carraretto Gonçalves*

O encontro realizado pela Duda conseguiu reunir diversas mulheres que se encontraram em uma tarde de sábado e, em consonância aos escritos de Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, dentre outras, inter cruzaram-se. Falamos de nossas vivências, de política, de filhos, família, carreira profissional, perda dos direitos dos trabalhadores, racismo e tantos outros assuntos. Também cantamos para nos alegrar, refletimos a partir de diversas simbologias, uma delas, a mística com a luz da vela, que para cada uma de nós teve um significado. Lógico que nos emocionamos, porque somos mulheres de verdade e não imagens produzidas pelo patriarcado. Esse momento despertou em mim o compromisso de ser uma agente de mudança nos espaços que ocupo, bem como me fez entender o meu lugar de privilégio (mulher branca) mesmo diante de muitos direitos para serem conquistados.

As mulheres contemporâneas carregam em si mulheres do passado, que sofreram, lutaram, viveram batalhas para que nós pudéssemos seguir e ter esperanças de construir uma sociedade em que a equidade racial e de gênero sejam experienciadas por todos e todas. Somos sujeitos em construção e é no encontro de vozes que vamos nos emancipando e ressignificando os nossos discursos. À Duda e a todas aquelas mulheres ficam os meus agradecimentos.

*Célia Maria Valerino*

No geral, o encontro foi muito produtivo, tudo estava maravilhoso, colaborando para que não sejamos submissas às injustiças sociais e ao machismo presentes na nossa sociedade. Falar da nossa luta por saneamento básico e melhorias para rio Formate também é muito gratificante.

Um dos momentos que me impressionou bastante foi o relato das experiências das companheiras atuais junto com as histórias das heroínas negras, porque percebemos que a nossa luta não é de agora. Como essas mulheres transformavam o sofrimento em libertação. Isso nos encoraja, porque, apesar de estarmos no século XXI, convivemos com o feminicídio, a violência doméstica, estupros, racismo

e diferenças salariais no mercado de trabalho, sendo as mulheres negras, pobres e periféricas as mais atingidas pelas desigualdades.

Esse encontro me fez recordar dos movimentos organizados pelas comunidades eclesiais de base. Outra situação que me deixou muito reflexiva foi o fato de nós mulheres não votarmos em candidatas mulheres que tenham como bandeira de luta as pautas feministas e raciais. Percebi que no nosso município não temos políticas públicas para as mulheres que sofrem violência doméstica e que poderíamos propor que as escolas estejam debatendo com os/as alunos/as sobre relacionamentos abusivos.

*Amanda Rodrigues*

O encontro diálogo de mulheres insubmissas foi muito interessante para mim, a princípio eu fiquei receosa de ir, porque eu pensei, vai ter pessoas especialistas falando de assuntos complexos e talvez eu não compreenda, esse foi o meu pensamento inicial. Por esse motivo cheguei atrasada no encontro. Quando cheguei lá e vi aquelas mulheres periféricas, maravilhosas, compartilhando as suas experiências de vida, fiquei mais tranqüila, porque me encontrei nos relatos delas.

A mística foi sensacional, as músicas, cada item colocado no centro, me senti em paz e acolhida para contar episódios de racismo que já vivenciei, e das dificuldades enfrentadas por ser mulher, embora a gente se sinta sozinha, a nossa luta atravessa gerações. Outra situação que me fez sentir pertencente ao grupo foi ter lido o poema escrito por uma das participantes sobre o rio Formate.

Fiquei muito impactada com as frases, mural e fotos de mulheres negras. A roda de conversa me fez perceber que sou uma trabalhadora e que as minhas experiências são combustíveis para não me acomodar com as injustiças, principalmente, se você é mulher negra, periférica e sem dinheiro. Muitas vezes, para sermos aceitas nos identificamos com as ideias da burguesia.

Conversar com essas mulheres me proporcionou um sentimento de renovação de força e esperança, que grupo potente, inclusive uma das participantes produzia

fanzines. Fiquei muito ansiosa esperando outro momento como esse, mas infelizmente veio a pandemia e não foi possível continuarmos. Acredito que poderia surgir um coletivo de mulheres em Viana. A comida também estava ótima.

*Linda de Abreu Mariano Pereira*

Este encontro despertou em mim, esperança, força, saudades e nostalgias. Conhecer e remontar as nossas histórias é essencial para saber de onde viemos, onde estamos e em que lugar queremos chegar. Desde o começo dos tempos, as figuras femininas constroem a vida com amor, suor e sangue. Nossas ancestrais merecem ser enaltecidas, jamais esquecidas. Elas nos inspiram a sermos mulheres melhores, mais fortes e insubmissas e a lutarmos contra as mazelas e injustiças que vivenciamos e também a resistirmos às violências praticadas contra os nossos corpos e mentes e contra a destruição do meio ambiente em que vivemos.

*Sidineia Imaculada Oliveira*

Participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas, promovido pela minha amiga Edilene, foi enriquecedor. Nesse encontro pude conhecer e compartilhar vivências com outras mulheres do nosso município que lutam pela pauta do empoderamento feminino em espaços, tempos e lugares distintos. Estarmos juntas, dialogando e nos encontrarmos em cada vivência compartilhada por outra companheira, me fortaleceu, levando-me a sentir que vale a pena trilhar esse caminho e que não há um único caminho ou possibilidade.

Entendi que fazemos parte de uma grande colcha de retalhos com cores, formatos, texturas, dimensões diversas, costuradas as várias mãos. Lutamos e buscamos protagonizar sobre a vida das mulheres com mais direitos e menos violência. Sobretudo, penso que este encontro foi de grande importância para nós mulheres deste município a ponto de ser o início de um possível movimento pela pauta comum entre nós. Obrigada amiga pela oportunidade.

*Elenice Tozze Soave Neves*

Com relação ao encontro, achei muito importante a participação das mulheres que são engajadas no município, sendo um espaço inovador para conversarmos de assuntos que fazem parte da causa feminina. Destaco o momento místico, junto com as reflexões, com a apresentação de símbolos e músicas que nos fazem valorizar a nossa caminhada de luta, pensar na participação política das mulheres, cada uma fazendo a diferença na sua realidade cotidiana. Esses momentos nos renovam. Obrigada por ter lembrado de mim.

*Juliana Gama*

Participar do evento foi uma experiência muito enriquecedora para mim, pois me despertou um sentimento de pertencimento a uma coletividade muito maior com relação à força feminina, que jamais pude imaginar. Me senti privilegiada por estar perto e ouvir histórias de mulheres tão incríveis. Além disso, me motivou a ler mais sobre o engajamento social das mulheres, principalmente livros que falam do feminismo negro e a luta das mulheres indígenas.

*Maria da Penha Lourenço*

Esse encontro foi maravilhoso, primeiramente, porque tivemos a oportunidade de rever pessoas queridas, que vivem nos movimentos de luta nas suas comunidades. Pude conhecer um pouco da histórica das nossas companheiras, relembrar das nossas lutas, desde a década de 70, quando estávamos nos movimentos de moradia popular, lembrar dos companheiros que já se foram, e nos posicionarmos a favor das lutas coletivas. Estávamos precisando de esperança, porque temos vivido tempos muito difíceis, um encontro assim, com mística e só mulheres foi tudo de bom. Toda vez que tiver um encontro como esse quero participar.

*Edilene Machado*

Para mim, esse encontro foi muito significativo, por reunir mulheres que compõem histórias de re-existência no nosso município, sendo um espaço de renascimento e

liberdade, porque a libertação do patriarcado, racismo, machismo, sexismo é coletiva. E desmontar a naturalização, dessas formas de opressão que habitam em nós, e nomeá-las são estratégias de enfrentamento e superação, pois fazem parte de um processo de cura das marcas coloniais que dificultam enxergarmos que somos seres coletivos, pensando na força da ancestralidade e irmandade feminina, porque as mulheres que estão conectadas à vida não morrem, permanecem amontoadas em nós através das nossas re-existências. Por isso, não iremos retroceder jamais em relação aos assuntos que nos atravessam enquanto mulheres, porque como flechas pegamos impulso para se projetar e se lançar no horizonte em busca dos nossos sonhos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Estudos dos cotidianos, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de.; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). Curitiba: CRV, 2019.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Polén Livros, 2019.
- CORREIA, Soffia Gomes da Rocha Gregório. **Menina Pretinha**. Master e Mixagem. Estúdio El Rocha, Rio de Janeiro, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1WKo>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Palas Mini, 2018. 124p.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200p.
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 142p.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**: 01 da série Ecos da Palavra. [Entrevista concedida ao] Instituto Tear. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- FERREIRA, Bia; BONIFÁCIO; Caru. **Negra Tinta**. Youtube.com.br. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiibNepUwhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a. 143p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b. 253p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

Hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a. 356p.

Hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante. 2019b. 380p.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das letras. 2019.

OLIVEIRA, Nina. **Dandara.** Sofar Sounds. São Paulo. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vr7NIJbpf74>. Acesso em: 29 fev. 2020.

PASSOS, Raquel; CASTELAN, Maria de Fátima. **Da mãe África viemos.** Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2016. 1 CD, faixa 04.

PASSOS, Raquel. **Grita Mulher.** Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2016, 1 CD, faixa 08.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade.** São Paulo: Unicamp, 2013. 343p.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias.** Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, jan./abr. 2010a. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24105/1708>. Acesso em: 11 abr. 2019.

REIGOTA, Reigota; RIBEIRO, Adalberto; POSSAS, Raquel. **Trajatórias e narrativas através da educação ambiental.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 155p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** São Paulo: Pólen, 2019a. 112p.

SOARES, Gilson e PAGANUCCI, Etti. **O sorriso de Marielle.** Youtube.com.br. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9kjSgzgdTQ>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SOSA, Mercedes; CARVALHO, Beth. **Eu Só Peço a Deus.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IGkuBY30fjY>. Acesso em: 29 fev. 2020.

THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. *In*: THEODORO, Mário et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição.** Brasília: Ipea, 2008. p. 15-43. Disponível em:

[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107\\_1899\\_Livrodesigualdadesraciais.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107_1899_Livrodesigualdadesraciais.pdf). Acesso em: 19 fev. 2020.